

Congresso americano está dividido sobre o endividamento externo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A dívida externa brasileira e a do Terceiro Mundo, em geral, tornou-se uma das maiores preocupações dos parlamentares dos Estados Unidos que, hoje, estão divididos entre duas alternativas de solução. Uma parte quer criar um mecanismo que obrigue os bancos a venderem a terceiros, no mercado secundário, parte das promissórias dos devedores.

Outro grupo defende a idéia da criação de um organismo internacional para adquirir uma porcentagem das dívidas — e, ao mesmo tempo, tornar-se um fator de referência oficial para o mercado secundário.

As discussões vêm sendo acompanhadas de perto pela Casa Branca que, a princípio, não aprovaria nenhuma dessas soluções. A primeira hipótese coloca em risco a política do Secretário do Tesouro, James Baker III. Ele quer evitar que haja uma baixa acentuada na cotação das dívidas, o que aconteceria se o mercado secundário fosse invadido por elas. Baker prefere que o valor nominal seja mantido e que as Nações devedoras se esforcem para ter condições de pagar o que devem.

A administração Reagan também é contra a criação de uma agência oficial para comprar parte das promissórias dos bancos, temendo que isso desestimule, automaticamente, a concessão de novos empréstimos e que, ao mesmo tempo, venha a provocar uma pressão do próprio mercado interno dos Estados Unidos. Segundo sua estimativa, os produtores agrícolas e os empresários do setor petrolífero poderiam vir a exigir, também, um aval desse organismo oficial.

O Deputado democrata Bruce Morrison, que lançou a idéia da criação de uma agência para a compra das dívidas,

acha que seu plano é o mais viável no momento.

— Todo mundo já percebeu que o chamado Plano Baker, de ajuda ao Terceiro Mundo, está morto e não podemos mais ficar aqui sentados, tocando um violino, esperando que Roma se incendeie, desabafou Morrison, ao comentar a oposição oficial à sua proposta, que acaba de ser embutida na nova lei de comércio, que vem sendo discutida no Congresso.

Morrison propõe a criação do International Debt Management Authority, através de uma iniciativa do Governo americano, para negociar com outras Nações desenvolvidas a formação desse clube. O organismo seria, em princípio, financiado através das reservas de ouro do Fundo Monetário Internacional.

Na prática, essa agência subsidiaria parte da dívida externa dos países em desenvolvimento. Ela compraria parte das promissórias da dívida externa do Brasil, por exemplo, a um preço menor e a repassaria ao País reduzindo as suas obrigações à uma quantia equivalente ao desconto.

Ou seja: se a dívida brasileira, hoje, fosse comprada por 62 por cento do seu valor nominal (essa é a atual cotação do mercado secundário), o Brasil teria como obrigação pagar ao novo credor apenas essa porcentagem e não o valor nominal. Assim, da noite para o dia, o País seria favorecido por uma considerável redução em seus débitos.

O mercado secundário está em expansão atualmente, embora ainda seja restrito. Há um grupo de empresas que se dedica a comprar dívidas, concentradas em Londres e em Nova York.

No ano passado, comercializaram pouco mais de US\$ 7 bilhões e, este ano, prevêem negociar entre US\$ 10 e US\$ 15 bilhões.